



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Voluntariado: O amor não acaba para quem é do bem

Mayara Barbosa Paz

15/0076681

Terra Thais Penha da Costa

13/0037869

Orientador: Prof. Sergio Ribeiro

Brasília

2017

Dezembro

Voluntariado:**O amor não acaba para quem é do bem**

MAYARA BARBOSA PAZ

TERRA THAIS PENHA DA COSTA

Memória do projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob orientação do professor Sergio Ribeiro.

Brasília,

Dezembro de 2017

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Voluntariado: O amor não acaba para quem é do bem

Projeto experimental apresentado à Universidade de Brasília como requisito
Parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo

Orientador: Prof. Sergio Ribeiro de Aguiar Santos

BANCA EXAMINADORA

Professor Sergio Ribeiro de Aguiar Santos
Orientador

Professor Fernando Oliveira Paulino
Examinador

Professora Dione Oliveira Moura
Examinadora

Professora Márcia Marques
Suplente

Data 08/12/2017

Agradecimentos

Primeiramente e incondicionalmente, a Deus! Por ter nos dado a chance do reencontro e possibilitado a realização de um sonho juntas. Caminhos distintos foram trilhados até aqui, porém todos eles nos trouxeram para o hoje.

Gostaríamos de agradecer à nossa família, pelo suporte de sempre. Por terem sido personagens essenciais ao longo de todo o processo de formação, não só academicamente falando, mas durante toda a vida.

(Mayara) Agradeço, em especial, à Maria da Paz, minha mãe. Ela é da paz, mas poderia, facilmente, ser da compaixão, do respeito. Meu exemplo maior. Obrigada também ao José Antônio, meu pai, que sempre esteve presente, meu companheiro de vida. Aos meus irmãos, Pedro e Layanne, por estarem comigo desde a barriga e para sempre, mesmo que de longe. Ao meu amor, Miguel, por ser luz na minha vida.

(Terra) Sou grata a minha mãe, Ana Maria que, apesar de todas as dificuldades pelas quais passou até hoje, fez o melhor que podia para me dar uma boa educação. Ela sempre me levou às casas espíritas Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Sousa (SODEAS) e o Grupo de Assistência Espiritual Eurípedes Barsanulfo (GAEEB), onde eu aprendi sobre caridade e amor ao próximo. Também me deu a oportunidade de conhecer o meu avô do coração, João Limeira, que sempre se dedicou tanto levando alegria não só para minha vida, mas de outras crianças, e que eu gostaria que estivesse no plano físico para prestigiar mais uma etapa vencida da minha vida. Aos meus amigos, até aos que já não são mais, que foram a família que escolhi e que sempre estão ao meu lado alegrando meus dias.

Somos gratas também ao professor Sérgio por ter aceitado viver esse sonho conosco. Por ter acreditado que conseguiríamos e ter sido essencial para que pudéssemos concluir essa etapa da nossa vida.

Aos queridos professores Paulino e Dione que aceitaram o convite para participar da banca examinadora.

À equipe de produção que nos auxiliou. Obrigada por acreditarem no nosso projeto e por terem sido a mão amiga que precisávamos. Sem vocês, não teria sido possível!

A todos os entrevistados! Por ter, de forma tão generosa, dividido suas histórias conosco. Obrigada por confiarem no nosso trabalho.

Nosso muito obrigada a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a execução do

Voluntariado: o amor não acaba para quem é do bem!

Epígrafe

Trabalho voluntário não é coisa de
gente santa.

Não é para quem quer mudar o mundo
ou ser bem visto.

Trabalho voluntário é para quem quer mudar a si mesmo e
está disposto a aprender por meio do
contato com novos mundos.

É uma excelente ferramenta de empatia,
onde o aprendiz ensina mais que o professor.

Voluntariar é transbordar de tanto aprendizado
e gratidão, é superar dores e desafios por que vê
na história do outro as bênçãos da própria vida.

A nossa maior ligação é humana,
feita de respeito e gentileza.

Onde existem voluntários, existe a mistura das cores,
das classes, das crenças, de passados e até podemos
espiar o futuro.

A curiosidade pelo outro alimenta nossa alma
sedenta por alimentos reais!

Voluntariar é doar amor para aliviar a dor do outro,
e sem saber,
descobre-se que esse é o remédio para curar a nossa própria.

Letícia Mello

(Do For Love, livro sobre viagens,
amor e trabalho voluntário)

RESUMO

O **Voluntariado: o amor não acaba para quem é do bem** é um webdocumentário resultado do Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Utilizando recursos multimídias - fotografia, vídeo e texto - o webdoc teve como tema central o trabalho de voluntariado desenvolvido na capital do país. Foram selecionados dois projetos: Viva e Deixe Viver e Resgate Para a Vida. A primeira associação leva histórias a crianças em hospitais, enquanto que a segunda é destinada a ajudar moradores de rua. Este produto busca trazer os dois lados da moeda: a visão de quem trabalha como voluntário e a perspectiva de quem recebe o atendimento. A intenção é mostrar de que maneira, mesmo em polos opostos, a vida dos que oferecem e daqueles que recebem o serviço é modificada a partir da prática do voluntariado. A partir da elaboração do produto, de maneira resumida, podemos perceber que o trabalho de voluntariado é um meio através do qual é possível alimentar o corpo e o espírito. O webdocumentário está disponível em: <https://oamornaoacaba.wixsite.com/bsbvoluntariado>.

Palavras-Chave: webdocumentário; voluntariado; criança; morador de rua.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. PROBLEMA DE PESQUISA.....	9
3. JUSTIFICATIVA.....	10
4. OBJETIVOS.....	11
4.1 Objetivo Gerais.....	11
4.2 Objetivos Específicos.....	11
5. Contextualização Teórica.....	12
5.1 O conceito e histórico do Voluntariado.....	12
5.1.1 Motivações.....	13
5.1.2 Benefícios para saúde.....	15
5.2 O Voluntariado em Brasília: Viva e Deixe Viver e Grupo Resgate para a Vida.....	15
5.2.1 A escolha dos projetos.....	15
5.2.2 Associação Viva e Deixe Viver - Contadores de História.....	17
5.2.3 Grupo Resgate para a Vida.....	17
5.3 Webdocumentário.....	18
5.4 Fotografia.....	21
6. METODOLOGIA.....	23
6.1 Seleção dos Personagens.....	23
6.2 Perguntas Guias.....	24
6.3 Argumento.....	24
6.4 Locais de Gravação.....	26
6.5 Elaboração do Site.....	26
7. EQUIPE.....	26
8. CRONOGRAMA.....	27
9. DIÁRIO DE CAMPO.....	27
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

1. Introdução

O **Voluntariado: o amor não acaba para quem é do bem** é um webdocumentário que tem como tema central a prática do trabalho voluntário em Brasília.

O Webdoc, que Bauer (2010) define resumidamente como um “sistema multimídia”, é um compilado de diferentes possibilidades midiáticas expostas em uma plataforma digital sobre um determinado tema. O nosso projeto faz uso de algumas delas. Utilizaremos fotografia, vídeo e texto na abordagem de uma pequena amostra do grandioso universo de voluntariado em Brasília.

O cenário do trabalho voluntário na capital do país é cheio de vertentes e representantes. Devido à ampla possibilidade de abordagem e amostragem, decidimos selecionar dois projetos, distintos entre si, mas unidos pelo objetivo de fazer voluntariado. Optamos por trabalhar com o universo de atendimento à criança e ao morador de rua. Mais à frente, detalharemos o porquê das escolhas.

Como representantes do voluntariado brasiliense, escolhemos a Associação Viva e Deixe Viver, que leva histórias infantis a crianças em leitos de hospital e o Grupo Resgate para a Vida, que distribui sopa na Rodoviária e em hospitais, além de encaminhar moradores de ruas adictos a clínicas de reabilitação.

Através da execução deste webdocumentário, pretendemos perceber, pela observação do dia-a-dia de quem vive o voluntariado, de que maneira a rotina das pessoas é modificada a partir dele. A proposta desta memória de produto é mostrar de modo razoável, considerando o prisma restrito através do qual fizemos nossa análise, no que se refere ao nosso universo de estudo, como a prática do trabalho voluntário transforma vidas.

2. Problema de pesquisa

“Como construir um webdocumentário sobre o universo do voluntariado desenvolvido em Brasília, a partir de duas experiências distintas e, a partir disso, entender quais são os efeitos resultantes do contato com o trabalho de voluntariado, nos que praticam e naqueles que recebem o serviço.”

3. Justificativa

Apesar de, inicialmente, as nossas motivações terem sido distintas, nosso desejo se alinhava em um aspecto: ambas tínhamos a vontade de desenvolver um produto para apresentar como Trabalho de Conclusão de Curso.

Enquanto uma de nós tinha, num primeiro momento, cogitado produzir um livro reportagem sobre órfãos, a outra já pensava no trabalho voluntário como tema central, porém desenvolvido a partir de um ensaio fotográfico.

Nos conhecemos ao longo da graduação de jornalismo e fizemos a disciplina Pré-Projeto juntas. Vimos que havia convergência dos nossos interesses pelo social – que é algo referente à sociedade e relativo a ela – bem como pela temática humana. A partir disso, concluímos que o caminho mais acertado seria unir forças e decidimos trabalhar juntas. Permanecemos com a intenção de contar histórias, porém resolvemos utilizar um meio através do qual as duas pudessem, em parceria, explorar as áreas que mais gostamos dentro do jornalismo.

Foi então que decidimos produzir um webdocumentário. Um produto destinado a uma plataforma digital que nos permite fazer uso de diversos tipos de mídia na abordagem de um determinado assunto - no nosso caso, o voluntariado em Brasília. Bauer (2010) classifica o webdoc como algo multimídia por excelência, que tem como característica essencial o “rompimento da linearidade típica da narrativa do cinema e da televisão”. De modo que, para mostrar uma fração desse universo encantador do trabalho voluntário, optamos, no **Voluntariado: o amor não acaba para quem é do bem**, pela utilização de vídeo, foto texto.

4. Objetivo

4.1 Objetivos Gerais

Produzir o webdocumentário **Voluntariado: O Amor não acaba para quem é do bem**, realizado a partir da observação de dois grupos que praticam atividades de trabalho voluntário em Brasília: a Associação Viva e Deixe Viver, e o Grupo Resgate para a Vida. Objetivamos perceber de que maneira o contato direto com o trabalho voluntário transforma a vida do ser social. Isso inclui a perspectiva do voluntário e de quem recebe o serviço. O intuito é observar o envolvimento das pessoas em projetos distintos e entender como elas têm suas vidas modificadas através da prática do voluntariado.

4.2 Objetivos Específicos

- Articular o uso de três mídias – fotografia, vídeo e texto – e compilá-las em uma plataforma digital (webdocumentário);
- Registrar e dar voz às pessoas que vivem o universo do voluntariado;
- Acompanhar a rotina dos voluntários nos dois projetos selecionados;
- Levar às pessoas o olhar dos que fazem a diferença na sociedade em que vivem e que, muitas vezes, não são lembrados nem reconhecidos por isso.

5. Contextualização Teórica

5.1 Conceito e Histórico do Voluntariado

O termo voluntário vem do latim *voluntariu* – pessoa que se compromete a cumprir determinada tarefa ou função sem ser obrigada a isso e sem obtenção de qualquer benefício material em troca. Segundo Ferreira e Proença (2008 *apud* SHIN; KLEINER, 2003), voluntário é um indivíduo que oferece o seu serviço a uma determinada organização, sem esperar uma compensação monetária. É um serviço que origina benefícios ao próprio indivíduo e a terceiros.

O trabalho voluntário é regulamentado pela lei nº 9.608 de 1998, Art. 1º. “Considera-se serviço voluntário, para os fins desta Lei, a atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou a instituição privada de fins não lucrativos que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência à pessoa”. E também pelo Decreto Distrital nº 37.010, de dezembro de 2015, que divide o serviço voluntário em social e profissional, dependendo do interesse do voluntariado.

Anterior a isso, porém, em 1990, em Paris, foi desenvolvida a Declaração Universal do Voluntariado, disponível em <http://bolsadovoluntariado.pt/media/6473/onu-declaracao-universal-do-voluntariado.pdf>, que diz que o trabalho voluntário é uma via pela qual há um estímulo da cidadania ativa e do envolvimento do ser social com a comunidade. A ideia central é a valorização do potencial humano, da qualidade de vida e da solidariedade.

No mundo, o Dia Internacional do Voluntariado é 5 de dezembro, criado com o propósito de promover a reflexão sobre cidadania e solidariedade. No Brasil, o Dia Nacional do Voluntariado é 28 de agosto, definida pela Lei nº 7.352, de 1985. A Organização das Nações Unidas (ONU) escolheu 2001 como o Ano Internacional do Voluntariado. Para a ONU, não devemos concentrar o trabalho voluntário em um dia específico, esta deve ser uma prática constante.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD (2011) fez um relatório mostrando que a idade média do voluntariado no Brasil é de 39 anos, sendo 53% mulheres e 47% homens. A atividade voluntária não inclui benefícios

financeiros, e é feita de livre e espontânea vontade de cada um dos indivíduos, trazendo vantagens a todos que fazem parte.

O relatório do PNUD (2011) mediu também o que motiva as pessoas a serem voluntárias e o grau de satisfação deles. 67% afirmaram que fazem apenas para serem solidários, 32% são motivados pelo desejo de melhorar o mundo e os outros 32% o fazem por motivação religiosa. De modo que o trabalho voluntário pode ser resultado de diversas motivações pessoais. Pode surgir de um desejo particular de crescimento que vai além do trabalho remunerado. Bem como uma maneira de retribuir alguma ajuda recebida, ou até mesmo ser motivado por crenças religiosas. Para Silva e Villela (s.d p.4):

“O trabalho voluntário permite, a quem o desenvolve, produzir ideias, voltar-se para a busca da qualidade de sua própria vida e da vida daqueles em prol de quem trabalha. É a solidariedade cidadã, que tece redes de comunicação e realiza-se através de grupos com objetivos comuns. O trabalho voluntário pode ser visto como uma reação da sociedade civil organizada às lacunas que o Estado deixa de preencher nas políticas públicas de bem-estar e, também, uma forma de manifestação de interesses contrários à postura meramente mercadológica.”

Segundo dados da Rede Brasil Voluntário, um em cada quatro brasileiros com mais de 16 anos, o que representa cerca de 35 milhões de pessoas, faz ou fez algum trabalho voluntário. Segundo dados das Nações Unidas do Brasil, a idade média dos voluntários é de 39 anos e variam de 25 a 70 anos.

5.1.2 **Motivações**

De acordo com Sousa (2011, p.43 *apud* Selli, 2002) existem três tipos de motivação básica. A primeira delas é relacionada às motivações pessoais: querer dar sentido à própria vida, ocupar o tempo, superar o vazio, se sentir melhor como pessoa e conquistar o próprio bem-estar. A segunda motivação é relacionada às crenças religiosas, quando ele quer exercitar a caridade e o amor ao próximo. A terceira parte pelo sentimento de solidariedade crítica, com o objetivo de contribuir na construção da justiça, diminuir as diferenças sociais e cumprir com seu dever em torno da sociedade.

A maior parte das pessoas com as quais tivemos contato durante a elaboração do webdocumentário é motivada, sobretudo, por questões pessoais e/ou religiosas.

Especificamente os voluntários do Grupo Resgate para a Vida, projeto que foi idealizado por um pastor, é bastante atrelado às motivações de ordem religiosa.

Para Sousa (2011, p.43 *apud* Roca, 1994) dois fatores são a essência do trabalho voluntário. “A convicção de que a solidariedade é fator básico para o amadurecimento pessoal; e a crescente percepção de que a humanidade só poderá subsistir se converter a solidariedade em um princípio essencial do desenvolvimento humano”. Priscila Castello Branco, voluntária da Associação Viva e Deixe Viver aponta ainda a necessidade do voluntariado como válvula de escape para necessidades sociais que o Estado não é capaz de suprir.

Segundo Selli e Garrafa (2006) existem três dimensões do trabalho voluntário.

- 1) aproximação da solidariedade em um enfoque histórico, buscando sua gênese e suas características principais;
- 2) identificação do voluntariado ao longo do tempo, destacando o processo que deu origem à atividade voluntária no Brasil, enfatizando sua importância social;
- 3) proposta da solidariedade crítica e do voluntariado orgânico, como mecanismos de ação interventiva e transformação societária. (SELLI; GARRAFA, 2006, p. 1)

De acordo com Ferreira e Proença (2008, *apud* PARBOTEEAH; CULLENB; LIM, 2004), existem dois tipos de voluntariados, o informal e o formal. O voluntariado informal é aquele que ajuda vizinhos, idosos e pessoas na rua de forma individual. O voluntariado formal, por sua vez, desenvolve atividades semelhantes, mas está inserido em uma organização formal. Os dois projetos que selecionamos para análise no **Voluntariado: Amor não acaba para quem é do bem** - Viva e Deixe Viver e Resgate para a Vida - são considerados formais.

Em 2011, segundo dados do *Relatório do Estado do Voluntariado no Mundo*, o voluntariado foi reconhecido como um importante fator para o desenvolvimento social. De acordo com Sousa (2011, p.41 *apud* Selli, 2002), existe um tipo de voluntário que idealiza uma mudança maior, chamado “voluntariado orgânico”, fundamentado na solidariedade crítica, tendo como objetivo atuar em uma possibilidade de intervenção societária; que difere da solidariedade pelo assistencialismo, que não tira a sociedade do mundo em que vive.

“O que caracteriza a dimensão crítica do voluntariado orgânico é a percepção da possibilidade de intervir de forma ativa na definição de políticas públicas, de forma individual e coletiva, uma vez que está comprometido tanto em suprir as necessidades materiais imediatas quanto em tornar as pessoas autônomas.” (SELLI,2002, p.41)

Podemos perceber esse voluntário orgânico no projeto Resgate para Vida, cujo objetivo não é apenas o auxiliar no momento da entrega da sopa, mas dar a oportunidade ao morador de rua e ao dependente químico de modificarem a sua história por completo.

5.1.3 Benefícios para a saúde

Alguns estudos relatados por Sousa (2011, p.44 *apud* Midlarsky,1991; Moniz, 2002) mostram quais benefícios do trabalho voluntário à saúde.

“O ato de ajudar alivia o estresse, por cinco razões:

- (1) Ajuda como uma distração para os próprios problemas, pois leva o indivíduo a abandonar a perspectiva egocêntrica e a adotar uma orientação alocêntrica;
- (2) Desenvolve a capacidade de aumentar o senso de valor em torno da própria vida (espiritualidade e humanidade);
- (3) Tem um impacto positivo na evolução pessoal (percepção de competência, controle e orientação pessoal, aumento da autoestima, sentimento de mérito pessoal e auto eficácia);
- (4) Melhora o humor, pois o altruísmo tem um efeito reforçador que funciona como uma recompensa , principalmente quando é congruente com altos níveis de valores morais;
- (5) Promove a integração social por estar ligado à solidariedade e ao desenvolvimento de habilidades sociais a partir das interações de solidariedade e ao desenvolvimento de habilidades sociais a partir das interações de ajuda e senso de comunidade entre pessoas que eram inicialmente estranhas umas às outras.”

A propósito da personalidade das pessoas que praticam trabalho voluntário, estudos citados por Sousa (Bakker, Van Der Zee, Lewig. & Dollard, 2006; Elshaug & Metzer, 2001), citam que as características desses voluntários são: pessoas extrovertidas, ousadas, arrojadas e intrépidas. Os voluntários que possuem um comportamento pró-social têm sido associados a baixos níveis de ansiedade e depressão. Além disso, pessoas que ajudam outras são mais estáveis emocionalmente e possuem muitos estados de humor positivo.

5.2 O voluntariado em Brasília: Associação Viva e Deixe Viver - Contadores de História e Grupo Resgate para a Vida

5.2.1 A escolha dos Projetos

Tema escolhido – voluntariado em Brasília – nos deparamos com a missão de selecionar projetos que representassem esse vasto universo. Questionamo-nos se seria

interessante abordar uma área de atuação específica, como projetos que envolvessem apenas crianças ou que só atendesse idosos, por exemplo. Porém, chegamos à conclusão que, devido ao tema ser trabalho voluntário, seria mais interessante uma abordagem mais plural.

Desse modo, excluímos a possibilidade de mostrar apenas um público alvo. Inicialmente, gostaríamos de abordar três projetos no webdoc, distintos entre si, mas todos inseridos no contexto do voluntariado. Após o primeiro contato, em julho de 2017, observamos que um deles (que atendia mulheres com câncer de mama) seria inviável e optamos, com o auxílio do professor Sérgio, por trabalhar apenas com dois.

Era previsto abordar algum projeto que envolvesse crianças e hospitais. Até cogitou-se a possibilidade dos Doutores da Alegria, mas, pelo fato de ser bastante conhecido e já bem explorado pela mídia, outro representante foi procurado. Em conversas com amigos e pesquisas na internet, chegou-se até o Viva e Deixe Viver.

Desde o primeiro contato, em julho, as responsáveis pela associação em Brasília se mostraram bastante solícitas e dispostas a colaborar com a produção do webdoc. Após a primeira visita, percebemos que conhecer o trabalho desenvolvido por eles seria muito enriquecedor para nós e para os que tiverem a chance de assistir o produto final. Consideramos bastante interessante, também, a iniciativa de ajudar pessoas em hospitais, especialmente crianças. Ainda mais em se tratando de uma proposta de ajuda tão “simples”, que é contar histórias, mas que faz toda diferença na vida de quem é atendido pelos voluntários.

Paralelamente a isso, cogitou-se a ideia de conhecer mais a fundo a história das pessoas que distribuem sopas para moradores de rua. Havia o interesse de saber quem são elas e como tudo é feito. Parece algo simples, mas que esconde toda uma organização e planejamento de quem faz, e que acaba por gerar uma grande mudança para quem recebe.

A vontade inicial era abordar vários projetos, porém não tínhamos tempo hábil para tal. Desse modo, o Viva e Deixe Viver e o Resgate para a Vida foram os dois grupos que tocaram nosso coração e escolhemos como representantes do voluntariado em Brasília.

5.2.2 Associação Viva e Deixe Viver - Contadores de histórias

Esta é uma entidade sem fins lucrativos. O projeto é certificado pelo Ministério da Justiça como OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, conforme a lei nº 9790 de 23/03/1999. A ideia central da associação, criada em 1997, é estimular a educação e da cultura na saúde por meio da leitura e da brincadeira. O grupo de voluntários leva a literatura infantil a crianças em leitos de hospitais.

No dia 17 de agosto de 1997, dei início ao que posso chamar de um salto quântico em minha vida. Daí para frente passei a ouvir mais e falar o essencial, ter mais cuidado com minhas ‘palavras’, permitir que o Pinóquio e Gepetto possam receber a ajuda dos Powers Rangers para sair da barriga da baleia, a Cinderela pode até ter joanete e nós, adultos, podemos até nos sentirmos felizes ao ouvir um ‘não’ como esse: ‘não, hoje eu não quero ouvir história’. É isso mesmo! Um não pode ser muito importante para quem não pode nunca negar as agulhas, os remédios, os tratamentos de um hospital.

São palavras de Valdir Cimino, fundador do Viva e Deixe Viver, publicadas no site oficial da Associação (<http://www.vivaedeixeviver.org.br/home/apresentacao>).

O Viva e Deixe Viver, atualmente, conta com mais de mil voluntários espalhados pelo Brasil, há atividades na Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e no Rio Grande do Sul. Em Brasília, o projeto teve início em 2006 e conta com 31 voluntários contadores e duas fazedoras de histórias. Na capital federal, o atendimento acontece no Hospital Regional de Ceilândia e no Hospital Materno Infantil, localizado na Asa Sul. O objetivo central do projeto é, através do trabalho voluntário, promover a humanização da saúde, visando um atendimento integral de qualidade à criança e ao adolescente.

5.2.3 Grupo Resgate para a Vida

O projeto consiste em uma organização sem fins lucrativos de caráter religioso e filantrópico. O grupo nasceu do desejo de uma comunidade evangélica em praticar voluntariado. Idealizado pelo Pastor Jaime, que atua na igreja Assembleia de Deus localizada na 910 Sul e também é servidor público, o projeto teve início em 2010. A iniciativa partiu da tentativa de ajudar no resgate da cidadania e oferecer alternativa para pessoas. “Ajudamos seres humanos a ter projetos de vida, ter sonhos resgatados. A coisa mais linda é ele saber que não é mais um. Ele é uma pessoa especial que foi valorizada por outra pessoa”, explica o pastor.

O grupo realiza algumas frentes de trabalho. Quinzenalmente, às quartas-feiras, cerca de 35 membros e associados - os que eventualmente participam e colaboram - distribuem sopa para moradores de rua no Terminal Rodoviário do Plano Piloto e no Hospital Regional da Asa Norte (HRAN). São oferecidas, em média, 420 refeições por noite.

Além da entrega do alimento, são feitas abordagens para distribuir a palavra de Deus. Segundo o Pr. Jaime, mil pessoas são atendidas por noite. Paralelamente a essa atividade, os voluntários encaminham moradores de rua adictos para casas de reabilitação. A maioria do público atendido é dependente de algum tipo de droga.

Os que aceitam ajuda profissional para se livrar do vício são encaminhados para clínicas de reabilitação. Ao todo, são seis centros de recuperação e todos eles sobrevivem através de doações. O grupo Resgate para a Vida capta recursos, como alimentos, roupas, material de higiene para os centros e, em contrapartida, os jovens resgatados recebem atendimento nas clínicas.

O Resgate para a Vida ainda distribui doações às comunidades carentes, às creches e aos asilos. A motivação dos voluntários é, essencialmente, religiosa. “O nome do projeto foi baseado na palavra de Deus. O filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido. Partimos da filosofia de vida de Jesus”, conclui o pastor.

5.3 Webdocumentário

Webdocumentário surgiu de demandas contemporâneas que modificaram, especialmente, o modo de consumo e comercialização de conteúdos explorados através do meio de comunicação multimídia que é a internet. Essa vertente oferece ao usuário, entre outras coisas, a possibilidade de interatividade e a não linearidade de consumo do conteúdo no meio virtual.

O webdoc, como também é conhecido, inicialmente foi baseado na própria concepção do documentário. Nichols (2010) aponta que a tradição do fazer documentário está “profundamente enraizada na capacidade de ele nos transmitir uma impressão de autenticidade”. E o mesmo acontece com o nosso webdoc.

A palavra documento, cuja origem é latina, significa instrumento escrito que dá fé daquilo que atesta. De modo que o documentário - gênero que nasceu no século

XIX, atrelado às produções de cinema - é um formato que se configurou como um meio para relatar histórias e fazê-las circular socialmente.

Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. (NICHOLS, 2010, p. 30).

Com o avanço da tecnologia digital configurou-se um cenário perfeito para o surgimento do webdoc. O termo webdocumentário foi utilizado pela primeira vez no Cinéma Du Réel Festival, ao se “referir a todas as produções em formato documental, que em sua concepção e realização são intencionalmente feitas e reproduzidas para a web”. (NICOLLI; HUGO, 2013).

A plataforma digital de difusão do conteúdo do webdocumentário oferece ao usuário uma gama de possibilidades interativas de consumir o conteúdo que o formato original do documentário não era capaz de fornecer. A partir da produção do webdoc é possível ao usuário, em frente a diversas informações expostas, escolher a maneira que ele julgar ser a melhor, no que se refere à exploração do conteúdo. E isso pode se dar por meio de entrevistas, links, imagens, vídeos, mapas, áudios, animações. Gregolin, Sacrini e Tomba, em trabalho para a PUC-Campinas, acreditam que “desenvolver um webdocumentário apenas com recursos precários de texto e imagem é subestimar as possibilidades tecnológicas do meio e expectativas do receptor”.

Agora, o usuário pode, sem necessariamente seguir uma sequência cronológica, quebrar a lógica de uma referência de narrativa tradicional. A navegação se dá de maneira delinearizada. O usuário escolhe e determina a maneira que percorrerá o produto. “Não há linearidade, o espectador agora interage, observa atentamente, já não é mais passivo” (NICOLLI; HUGO, 2013).

A produtora de narrativas transmídia Doctela acredita que o webdocumentário é uma nova maneira de mostrar a história, um novo formato para o gênero documental. O webdocumentário se apresenta, desse modo, como uma nova forma de consumo do conteúdo produzido, tendo a plataforma digital como meio que auxilia esse processo pois se mostra como uma possibilidade de canal interativo, uma vez que o usuário pode decidir qual o melhor caminho a percorrer.

Em produções desse tipo, o visitante é obrigado a interagir, assumir um papel na narrativa, ele não apenas escolhe o que quer ver e em que ordem que ver, mas pode também tornar-se co-autor, anexar elementos, comentar ou compartilhar em redes

sociais cada conteúdo. Esse tipo de integração entre arquitetura de informação, design gráfico, elementos textuais e conteúdos em vídeo, áudio ou fotografia, fazem de cada webdocumentário um projeto exclusivo, uma forma de comunicação inovadora e de forte apelo ao público, em uma plataforma de distribuição livre e direta, tornando a produção mais acessível em um momento de interesse crescente. (DOCTELA, 2015)

Assim como acontece nos documentários, nos webdocs encontramos histórias ou argumentos, evocações ou descrições, que nos permitem ver o mundo de uma nova maneira.

A capacidade da imagem fotográfica de reproduzir a aparência do que está diante da câmera nos compele a acreditar que a imagem seja a própria realidade representada diante de nós, ao mesmo tempo em que a história, ou o argumento, apresenta uma maneira distinta de observar essa realidade. (NICHOLS, 2010, p. 28).

Cada webdocumentário, por sua vez, é singular no que se refere a escolha do tema a ser abordado, plataforma digital que será exposta e a maneira como ela é disposta virtualmente. O que significa que cada produto tem suas próprias características. Bauer (2011) diz que o processo de criação de um webdocumentário é semelhante a um documentário tradicional. Em sua concepção é elaborado um argumento, roteiro, entre outros. A diferença entre eles é o planejamento para a web.

O webdocumentário pressupõe, antes de tudo, a sua produção específica para o meio web. Isso significa incorporar em sua forma, organização, linguagem, etc. as características próprias do meio, sempre de acordo com a tecnologia envolvida. Dessa maneira, qualquer evolução observada no uso da linguagem e da tecnologia nesse suporte será também a evolução que o webdocumentário irá experimentar, acompanhando o desenvolvimento das possibilidades técnicas e simbólicas que lhes são suscetíveis. (GREGOLIN; SACRINI; TOMBA, 2002, p. 26)

Bauer (2011) acredita que a possibilidade de acesso aos meios de captação e edição de imagem foi importante para a expansão do webdocumentário. Hoje, muitas pessoas possuem celular com câmera de boa qualidade, além da maior acessibilidade em adquirir câmeras e computadores.

Na outra ponta do processo de produção documental – a da difusão e distribuição das obras – alguns elementos contribuíram para que houvesse novas formas de um trabalho atingir seu público, além dos tradicionais espaços no cinema e na televisão. São eles: a popularização da internet em banda larga, as mudanças nos hábitos de consumo audiovisual dos telespectadores e o crescimento do uso de dispositivos portáteis. (BAUER, 2011, p. 91).

Dessa maneira para Bauer (2011) o webdocumentário se apresenta como uma nova forma de expressar a “voz fílmica”. Machado (1996) acredita que uma importante consequência dessa mudança foi uma alteração discursiva, já que no

espaço da web possibilitou a articulação de vários recursos multimídia em uma mesma plataforma, o que é chamado de convergência midiática.

Para Bauer (2011), o webdoc está para a narrativa não ficcional assim como a web 2.0 está para os portais tradicionais, caracterizando-se, assim, como uma nova forma de mostrar histórias, um novo jeito de interagir, um novo espaço para pensar a produção de informação on-line. “Tão heterogêneas serão suas manifestações quanto maior for o número de cineastas dispostos a abraçar o gênero”. (BAUER, 2011).

5.4 Fotografia

Levando em conta que a fotografia também será usada no nosso webdocumentário, é importante conhecê-la. A fotografia leva ao mundo acontecimentos e momentos onde outros não estão presentes. Segundo Ivan Lima (1988), existem duas origens para o nome fotografia, uma que vem da Grécia, usada nos países ocidentais e outra do Japão usada no oriente.

A fotografia é a arte de escrever com a luz, o que a define como uma escrita. No Japão fotografia se diz sha-shin, que quer dizer *reflexo da realidade*. Por essa origem a fotografia é uma forma de expressão visual. Essa dualidade, já no nome, remete com facilidade a sua dupla condição de linguagem e forma de expressão visual. (LIMA, 1988, p.17)

Com o surgimento da fotografia, no século XIX, muitas mudanças e possibilidades inovadoras surgiram para a criação e propagação da informação e do conhecimento.

O mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. Micro aspectos do mundo passaram a ser cada vez mais conhecidos através de sua cópia ou representação (KOSSOY, 1989, p. 15).

E levando em conta o que Kossoy afirma, a intenção é tornar o ato voluntário algo “familiar” e conhecido também por meio da fotografia.

É importante reconhecer que cada pessoa carrega em si a interpretação de acordo com todo seu histórico de vida. Por esse fator, por mais que o criador da imagem tente ser fiel ao momento registrado e levar o máximo de realidade do que viu, a interpretação dessa imagem se dará com base nos conhecimentos teóricos e culturais de quem interpreta a fotografia.

A imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecimento, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida ou morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotográfico num instante dos tempos. (KOSSOY, 1989, p.22)

Segundo Hermes (2009), as fotografias tendem a ser tratadas, sobretudo, por seu valor testemunhal de uma realidade concreta que, apesar de questionável, inclusive quanto à facilidade de manipulação digital das imagens, continua sendo um valor ligado ao caráter inicial da técnica.

Tomando como base a afirmação dos autores, é importante perceber que uma imagem não atinge da mesma maneira várias pessoas. Nenhuma foto pode ser interpretada da mesma forma por um brasileiro, um francês e um chinês, por uma pessoa jovem e uma de mais idade, LIMA (1988).

Segundo Sotang (1933 p.13), as fotografias transformam e ampliam as nossas noções do que vale a pena olhar e do que pode ser observado. São uma gramática e uma ética da visão, pois “o resultado mais significativo da atividade fotográfica é dar-nos a sensação de que a nossa cabeça pode conter todo o mundo – como uma antologia de imagens”.

Ao ver uma fotografia, nossa mente tem a capacidade de assimilar a algo que já passamos, Zarattini (2014) diz que mesmo sendo um processo de criação do fotógrafo, a imagem traz indícios da sua ligação com o real. Como afirma Marcondes (2011) quando diz que a fotografia não é apenas uma captação do real. Ela se faz através do olhar de alguém, do fotógrafo. Grava e mostra o olhar de quem fotografa sobre um momento, uma pessoa, um acontecimento.

6. Metodologia

6.1 Seleção dos Personagens

É a partir das entrevistas que se torna possível estabelecer uma forte relação de confiança com a fonte, especialmente em pautas cujo personagem se encontra, de alguma maneira, fragilizado – como é o caso das crianças acamadas no HMIB e dos moradores de rua com os quais tivemos contato durante a produção do webdocumentário. Pereira Jr. (2006) explica que através da entrevista é possível atingir um “ângulo íntimo, de dentro”.

Para tal, o contato inicial é de extrema importância. A intenção é, através da troca entre repórter e entrevistado, construir uma relação, ainda que bem específica e momentânea, que torne possível obter revelações inesperadas e surpreendentes.

Talvez a fase mais importante na produção de uma grande reportagem, que será a base do **Voluntariado: o Amor não acaba para quem é do bem**, seja a etapa de entrevistas.

A relação entre jornalismo e documentário se dá quando a notícia ajuda no encadeamento da narrativa documental, sendo por isso utilizada com frequência nos documentários. Se já existe um material que sintetiza o lead, recorrer a ele pode ser uma eficaz estratégia para agilizar a narrativa do documentário, que deverá se preocupar com outros porquês. (SOUZA, 2009, p. 164)

Entre outras coisas, durante o processo de elaboração do webdocumentário, ficou clara para nós a importância de haver um distanciamento da fonte, no sentido de se tornar necessário existir o desconhecido para que as descobertas aconteçam.

Para produção do webdoc, decidimos selecionar cinco pessoas de cada projeto. De modo resumido, serão nossos personagens principais, apesar de, durante o todo o processo de pré-produção, nós termos conversado com outras pessoas envolvidas nos projetos.

- Entrevistados Viva e Deixe Viver:

Priscila Castello Branco: 38 anos, coordenadora

Glorinha Cavalcante: 60 anos, voluntária. Professora aposentada

Maria de Fátima Tavares: 54 anos, voluntária. Funcionária pública aposentada, faz faculdade de psicologia

Leila Salgado: 58 anos, voluntária. Professora aposentada

Crianças e mães de crianças: após conversa com a professora Dione Moura, decidimos por não mostrar o rosto nem identificar nenhuma criança atendida pela Associação, mesmo em caso dos pais consentirem. Pensamos na possibilidade de haver um futuro constrangimento para ela, quando na fase adulta, por ter sido exposta em situação fragilizada.

- **Entrevistados Resgate para a Vida:**

Pastor Jaime Vieira: 56 anos, coordenador e idealizador do grupo.

Iones Venâncio: 37 anos, voluntária. A sopa é feita em sua residência

Clarice Oliveira Kunzler: 54 anos, voluntária. Ministerial

Ana Lúcia Azevedo de Melo: 49 anos, voluntária. Médica

Pastor Pedro Carlos Ferreira: 45 anos, voluntário e idealizador do grupo

Pastora Rosimeire Maciel: 38 anos, voluntária e auxilia na produção da sopa

Paulo Henrique: 28 anos, ex-morador de rua. Dependente químico em fase de recuperação há 7 meses.

Celeandro Fernandes: recebeu ajuda do Resgate para a Vida e, hoje, é coordenador de umas das casas de reabilitação atendidas pelo grupo

6.2 **Perguntas guias:** - Em que consiste o projeto e como você o conheceu?

- Qual a sua função dentro da ONG?
- Por que trabalhar com voluntariado, o que te motiva?
- O que o trabalho voluntário traz para a sua vida?
- Alguma história te marcou?
- Quais os seus sonhos?

6.3 **Argumento: Voluntariado - o Amor não acaba para quem é do Bem**

Trailer de 38 segundos

Imagens da casa de reabilitação e de pessoas comendo a sopa.

Barulho da panela de pressão!

Um resumo do trabalho desenvolvido pelos dois grupos. Falas curtas dos personagens, mas que representem bem o conteúdo geral.

Imagens, depoimentos e trilha sonora.

Tela preta com **Voluntariado: o amor não acaba para quem é do bem**

Vídeo Principal de 8 minutos e 26 segundos

Imagens significativas dos dois projetos embaladas por uma trilha sonora. Nesse momento inicial, não há voz. Apenas sorrisos, pés, mãos. Ninguém é identificado.

Tela preta. Nome do webdocumentário (**VOLUNTARIADO: O AMOR NÃO ACABA PARA QUEM É DO BEM**) + trilha sonora.

Resgate para a Vida

Som da panela de pressão. Apresentação do Grupo Resgate Para a Vida. Imagens da sopa sendo produzida + trilha sonora. Nesse momento inicial, o Pastor Jaime apresenta o projeto (imagem da entrevista + *off*, com imagens da distribuição do sopão). Há também relatos de moradores de rua e pessoas assistidas em hospitais pelo grupo – não há identificação de ninguém.

Imagem do Pastor Pedro cortando legumes e dando o seu relato sobre o projeto. Após, mostramos uma das clínicas de reabilitação mantida pelo grupo através de doações, o Centro Terapêutico Navegando com Jesus + trilha sonora. Depoimento de Celeandro – ex adicto e hoje, coordenador da comunidade terapêutica – com *off*. Depoimento das voluntárias Clarice e Ana Lúcia sobre a importância social do trabalho voluntário.

Viva e Deixe Viver

Imagens da voluntária Fátima se preparando para dar início à atividade de voluntariado no HMIB + trilha sonora. Após, Fátima relata como conheceu o projeto e porque decidiu participar.

Imagens de voluntárias contando histórias + trilha sonora. Não mostramos o rosto nem fizemos a identificação de nenhuma criança ou mãe de criança. Depoimento da voluntária Priscila e relato da mãe de paciente. Voluntárias Glória, Leila e Fátima relatam momentos vividos no Viva e Deixe Viver.

Por que fazer trabalho voluntário?

Depoimentos do Pastor Jaime, Fátima, Priscila, Glória e Leila.

Tela preta. **Voluntariado: o Amor só acaba para quem é do bem** + trilha sonora.

Finalizamos com fotografias significativas dos dois projetos e créditos

6.4 Locais de gravação:

- Clínicas de Reabilitação Navegando com Jesus
- Hospital Materno Infantil de Brasília
- Hospital Regional da Asa Norte
- Hospital de Base
- São Sebastião (produção da sopa)
- Instituto de Educação Superior de Brasília
- Terminal Rodoviário do Plano Piloto

6.5 Elaboração do Site

-Paletas de Cores: azul e laranja com fundo marrom

-Disposição do conteúdo/ Diagramação: a apresentação inicial da página se dá com uma foto de cada projeto (uma contadora de história e alimentos utilizados na produção da sopa), acompanhadas do nome do webdocumentário ao centro e um link que encaminha o usuário ao vídeo e texto principais. Mais abaixo, há o trailer do webdoc e um pequeno texto introdutório a fim de apresentar o trabalho ao leitor. Ao final da página, temos duas galerias – umas de cada projeto de voluntariado, cada uma com 10 fotos, acompanhadas por aspas de idealizadores das associações. Na página que contém o vídeo principal, dispusemos ainda, além de vídeo e texto, mais três fotografias de cada projeto.

- Fotografia: total de 28 fotografias, sendo 14 de cada projeto.
- Vídeo: o trailer na página 1 (38'') e o vídeo principal (8'26'')
- Fonte: *Bonkers* e *Amarillo* para o título e *Din Light* para o corpo do site

7. Equipe

Erica Byanca Silva Santos - Elaboração do site

Mariane de Souza Silva: Edição de Vídeo

Mayara Barbosa Paz - Direção, entrevistas

Rafael Cardim Bernardes - Direção de Fotografia

Terra Thais Penha da Costa - Direção, som e entrevistas

8. Cronograma

	Cronograma de produção do webdoc					
	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novemebro	Dezembro
Leitura de referencial bibliográfico						
Elaboração da memória						
Primeiro contato com projetos						
Filmagens						
Entrevistas						
Fotografia						
Análise do material						
Edição						
Montagem do site						
Entrega para orientador						
Entrega para banca						
Defesa						

9. Diário de Campo

Descobrimos os projetos

Nosso primeiro contato com os projetos aconteceu no início de Agosto. A princípio, selecionamos três instituições e, após conhecer de perto a realidade delas, optamos por trabalhar apenas com duas: o Grupo Resgate para a Vida e a Associação Viva e Deixe Viver.

Em uma quarta-feira à tarde do mês de Agosto, visitamos os voluntários do Viva e Deixe Viver, que contam de história no Hospital Materno Infantil de Brasília (HMIB). Tínhamos outra visão, tínhamos medo, receio e até dúvida se seria a melhor opção mostrar aquelas histórias que em sua maioria eram muito tristes. Imaginávamos que iríamos chorar do início ao fim, mas não foi isso o que aconteceu. Conhecemos a coordenadora do projeto Priscila Castello Branco e logo nos apaixonamos por todo aquele amor que ela tinha pelo projeto. Vimos o quanto realmente as histórias mudam

o humor das crianças que estavam internadas. E não mudava apenas os pequenos, mas os pais, que em meio de tanta preocupação, sorriam.

Logo após sair do hospital, nós fomos procurar algum projeto que fazia entrega de sopa na rodoviária de Brasília, tínhamos uma frase que usávamos desde o início. “Até aqui nos ajudou o senhor”, para quem não acredita, pode parecer bobagem, mas sempre nos apegamos a isso. Existia uma preocupação de sermos duas mulheres e irmos para um local considerado perigoso no período da noite, mas chegando na Rodoviária, encontramos o grupo Resgate para Vida. Acompanhamos a atividades deles, e percebemos que além da entrega da sopa, eles faziam mais: ajudavam dependentes químicos a se recuperar em uma das suas seis casas de recuperação mantidas através, também, do trabalho voluntário. Nada melhor que falar de um projeto que além de ajudar na fome da carne, ajudava também na fome espiritual. Então depois de acompanharmos tudo e pegarmos o contato, decidimos que aquele seria o nosso projeto.

Gravações e problemas

Selecionados os projetos, é hora de pensar no planejamento: como iríamos gravar, quem iria nos auxiliar, quais seriam as perguntas e de que maneira nós mostraríamos os projetos, da maneira mais clara e transparente possível? Começando pelo Resgate para a vida, passaríamos o dia com eles acompanhando a preparação da sopa. Mas como nem tudo acontece da forma que gostaríamos, a sopa foi cancelada por duas vezes, sendo que, a produção só acontece de 15 em 15 dias, perdemos nesse meio tempo, um mês, não foi fácil acreditar que esse projeto sairia à tempo.

Depois de um mês de espera, finalmente, saímos para gravar na casa do Pastor Pedro em São Sebastião, e mais uma vez, muitas coisas fugiram do nosso planejamento, por exemplo, pegar um caminho onde passamos até por um castelo. Por outro lado, convivemos um dia na produção da sopa, conhecemos a família do pastor Pedro, sua esposa Iones, seus filhos e a amiga da família e também participante do Projeto, pastora Rosemeire. Fomos muito bem recebidos, até mesmo com direito a almoço e sobremesa. Tivemos momento de música, de nós ajudarmos na produção da sopa, momentos de muito cansaço e de muito aprendizado. Nesse dia, seguimos para a entrega desse alimento que conforta tantos corações, na rodoviária e nos hospitais de Brasília. Um dia cansativo e cheio de boas lembranças.

Sorrisos que encantam

Com a Associação Viva e Deixe Viver, nós tivemos muitos momentos lindos, a afinidade com crianças fez tudo ser mais mágico e na maioria das vezes, não estávamos fazendo um trabalho de conclusão de curso, mas participando do momento das contadoras de história. Momentos de alegria e alguns de tristeza por não poder fazer nada para melhorar o estado de alguns. Um lugar cheio de esperança que se ilumina quando as histórias chegam. Nossas gravações com o Viva foram em torno de quatro visitas, tivemos contato com crianças, pais e funcionários. Mas como nem tudo são flores, no nosso último dia de gravação fomos barradas pelos seguranças do hospital, e nessa hora veio o alívio: A autorização estava certinha e não tínhamos o que temer. Vale lembrar que é importante sempre ter autorização dos locais para gravação.

A casa da esperança

Era um sábado de manhã e naquele dia, tínhamos vários compromissos para comparecer, às 7h30 da manhã já estava na igreja que iria pegar carona com o pessoal do Grupo Resgate para a Vida, para seguirmos com destino a casa de recuperação. O local era bem distante, em uma chácara próxima à São Sebastião. Chegando lá e conhecendo os internos e o local, além de pessoas, foi possível conhecer também vários animais. Como em todas as vezes, fomos muito bem recebidas. Dessa vez levei um agrado, porque afinal, todo mundo gosta de chocolate. Esse dia foi o momento de reconhecer mais ainda como é importante ter uma equipe para apoiar nas gravações. Depois de gravar e entrevistar tudo e todos que eram necessários para o trabalho ser concluído, seguimos de volta para casa com o sentimento de que faltava pouco.

Sempre falta algo

Como em tudo na vida, pode dar errado e pode também faltar alguma coisa. Foi o que aconteceu quando estávamos com 70% do trabalho concluído, faltavam entrevistas, umas porque o áudio não ficou bom, outras porque realmente faltava esse algo para dar magia à produção. No total, foram mais duas entrevistas que foram

essenciais para o documentário ser emocionante e dar o brilho que ele precisava. Aprendemos com tudo isso, que uma produção pode realmente dar errado em algum momento, que é necessário ter mais de uma pessoa envolvida, apoio sempre é importante, que TCC não é o monstro da academia e que sim, às vezes ele vai fazer com que você perca noites e eventos importantes. Mas mesmo com todos os problemas que acontecem na produção do trabalho, é uma sensação indescritível vê-lo criando forma, faltando alguma coisa e depois tudo dando certo. Ver o seu trabalho do jeito que você pensou e sentir orgulho, é a melhor sensação que pode existir.

10. Considerações Finais

Ao final da execução do **Voluntariado: o Amor não acaba para quem é do bem** podemos perceber que a construção de um webdocumentário é algo que exige empenho, dedicação e estudo. Paralelo a isso, é possível concluir também que a prática do trabalho voluntário transforma a vida de todos os que estão envolvidos no processo. Seja de quem pratica, seja de quem recebe o serviço.

É um trabalho, na maior parte das vezes, realizado de maneira anônima e silenciosa. “Um trabalho de formiguinha”, como disse Maria de Fátima Tavares, uma das voluntárias da Associação Viva e Deixe Viver. Buscamos retratar as particularidades de cada projeto e personagens, lhes dando espaço de fala. Para que o leitor pudesse, o máximo possível, conhecer esse universo a partir da vivência do próprio voluntário e do atendido.

A satisfação maior dos que praticam o voluntariado, de todos os que tivemos contato ao longo da produção do webdocumentário, é poder ajudar o outro, e isso é decorrente de diversas motivações. Sentir-se bem em saber que pode e efetivamente contribui, ainda que de maneira considerada mínima por alguns, para mudar a realidade de alguém.

“As pessoas acham que a gente ‘tá’ fazendo muito pelo outro. Na verdade, a gente ‘tá’ fazendo por nós mesmos”, a frase é de Maria de Fátima Tavares novamente. O discurso dela é o mesmo da maioria dos nossos entrevistados. Diversas vezes, ao longo da execução do webdoc, podemos perceber que os benefícios, se é que podemos fazer uso desse termo, são sentidos de maneira avassaladora e absoluta pelos que praticam o trabalho voluntário.

Na vida dos que recebem atendimento, o efeito da prática é ainda mais perceptível: um morador de rua que não come há horas, ou que conseguiu deixar de ser adicto e hoje ajuda outras pessoas nas mesmas condições, uma criança que não anda nem fala, mas que abre um sorriso cheio de esperança após ouvir uma história. Essas são algumas demonstrações de como o trabalho voluntário pode servir, de modo efetivo, como instrumento para uma melhora de saúde, física ou espiritual, a curto, médio e longo prazo.

Diante disso, podemos concluir que a prática do voluntariado gera efeitos grandiosos nos que atendem e naqueles que são atendidos pelos grupos. A partir do

trabalho voluntário é possível alimentar a carne (distribuindo sopa, por exemplo), e o espírito (distribuindo esperança).

Os voluntários passam a encarar a sua própria vida de modo mais leve por saber que há realidades tão difíceis e vivenciar de perto - “será que o meu problema é mesmo tão grande?”. Enquanto que os que são atendidos por eles têm a possibilidade de ter a vida transformada, ainda que momentaneamente ou, muitas vezes, para sempre. A vivência da prática do voluntariado é, por vezes, árdua. Porém, a percepção de que se pode ser instrumento para que a roda social da solidariedade, da compaixão e do respeito ao próximo possa girar é a maior recompensa para os que praticam o voluntariado.

11. Referências Bibliográficas

BAUER, Marcelo. **Mas, afinal, o que é webdocumentário?**, Disponível em: <http://webdocumentario.com.br/para-saber-mais/mas-afinal-o-que-e-webdocumentario/>

BAUER, Marcelo. **Os webdocumentários e as novas possibilidades da narrativa documental**. Portugal: Avanca Cinema, 2011. Disponível em: http://webdocumentario.com.br/Os_webdocument%C3%A1rios_e_as_novas_possibilidades_da_narrativa_documental_Marcelo_Bauer.pdf.

DOCTELLA. **Descubra o que é webdocumentário**. Disponível em: <<http://doctela.com.br/webdoc/descubra-o-que-e-webdocumentario/>>

FERREIRA, Marisa; PROENÇA, Teresa; PROENÇA, João F. As motivações 35no trabalho voluntário. 2008. Disponível em: [.<www.scielo.mec.pt/pdf/rpbg/v7n3/v7n3a06.pdf>](http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpbg/v7n3/v7n3a06.pdf) Acesso em dezembro de 2016.

GREGOLIN, Maíra; SACRINI, Marcelo; TOMBA, Rodrigo. **Web-documentário - uma ferramenta pedagógica para o mundo contemporâneo**. PUC-Campinas, 2002.

HERMES, Gilmar Adolfo. **As imagens jornalísticas**. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/admjour/arquivos/gilmarhermes.pdf>

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: 1989

LIMA, Ivan. **Fotografia é a sua linguagem**. Espaço Tempo: 1988.

MACHADO, Elias Gonçalves. **JORNALISMO NA INTERNET (o paradoxo entre o fascínio das potencialidades da tecnologia digital e o modelo da produção verticalizada da notícia)**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/447f9524b966a91df3171c9ce3e51284.pdf>

MARCONDES, Andressa Soraya. **A Fotografia como Registro do Real nos Sites de Redes Sociais.** 2011. Disponível em: <http://www.esocite.org.br/eventos/tecsoc2011/cd-anais/arquivos/pdfs/artigos/gt011-afotografia.pdf>

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** São Paulo: Papyrus, 2010.

NICOLLI, Laura; HUGO, Victor. **Webdocumentário?** Cineacademia, 19/4/2013. Disponível em: <http://cineacademia.blogspot.com.br/2013/04/webdocumentario.html>

PEREIRA Jr, L. C. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa.** Petrópolis, Ed. .Vozes, 2006

Relatório sobre o Estado do Voluntariado Mundial Valores universais para o bem estar global – Resumo. Disponível em: <<http://www.un.org/files/ivd11.pdf> >

Relatório: O Estado do Voluntariado no Mundo, 2011. Disponível em: <<http://www.voluntariado.org.br/sms/files/Relatorio%20O%20Estado%20do%20Voluntariado%20no%20Mundo.pdf> >

SELLI, Lucilda; GARrafa, Volnei. **Solidariedade crítica e voluntariado orgânico: outra possibilidade de intervenção societária.** Hist. cienc. saúde-Manguinhos [online]. 2006, vol.13, n.2, pp. 239-251.

SILVA, Neide Maria e Villela, Lamounier. **Fatores motivacionais no trabalho voluntário: Uma análise dialética à luz da sociedade pós- industrial** – Disponível em: http://www.old.angrad.org.br/_resources/_circuits/article/article_1106.pdf

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre Fotografia.** Arbor: São Paulo,1983.

SOUSA, M. **Desenvolvimento humano no contexto do voluntariado: interfaces com a ética e a sustentabilidade.** Tese (doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SOUZA, Gustavo. **Fronteiras (in)definidas: aproximações e divergências entre documentário e jornalismo.** Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Voluntariado. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/vagas/voluntariado/>>. Acesso em: 12 dez. 2017.